

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“CRISE, DESESPERO E ESPERANÇA”: O HUMANISMO CRÍTICO DE CECÍLIA MEIRELES EM INQUÉRITOS SOBRE O DESCONCERTO DO MUNDO (RIO DE JANEIRO, 1932-1950)

Denilson de Cássio Silva
Doutorando – UFMG/CEFET MG
denicult@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho analisa debates intelectuais, em torno da ideia de crise, com enfoque nas concepções de Cecília Meireles. Parte-se da hipótese de que, em meio a repercussões das guerras mundiais, Meireles nutriu-se de uma perspectiva política, caracterizada por valores humanistas, de cunho cívico-republicano. O objetivo é compreender como Cecília mobilizou seu ideário político ao tratar da noção de crise, situada a partir de três inquéritos.

Palavras-chave: Cecília Meireles; crise; humanismo.

Introdução

Nascida e residente na cidade do Rio de Janeiro, oriunda de família de poucos recursos materiais, órfã de pai e de mãe, com três irmãos, ainda crianças, falecidos, criada por sua avó materna, Cecília Meireles tornou-se mais conhecida por ser autora do *Romanceiro da Inconfidência* e do livro infantil *Ou isto ou aquilo*. Desde pelo menos os anos 1990, a fortuna crítica sobre a autora tem crescido consideravelmente. Sem nada retirar de sua grandeza primordial, a obra poética, estudos têm tentado apreender outras facetas de Cecília, destacando suas atuações como educadora, jornalista, tradutora, folclorista, estudiosa de culturas orientais (SILVA, 2018). Este artigo integra tal esforço coletivo de compreensão, concentrando-se nas ideias e nas matrizes políticas, que nortearam o engajamento de Meireles.

Posto que envolvida em atividades de criação e de difusão, assumindo funções de experta e de ideóloga, é ponto pacífico entender Cecília como intelectual, como ser cívico, parte de um grupo ético, interessado pela conscientização da sociedade e pela interpretação de seu país e do mundo (ALTAMIRANO, 2013, p. 9). Desafio maior é captar as bases da concepção política de uma agente que, em época de extremismos, negou-se a se sujeitar a doutrinas partidárias à direita e à esquerda. Em carta a seu amigo, o poeta açoriano, Armando Côrtes-Rodrigues, de 2 de outubro de 1954, isto é, pouco mais de um mês após a morte de Getúlio Vargas, Meireles testemunhou:

Confesso-lhe com a mão no coração: a Humanidade – esta que me rodeia – deixou de interessar-me. Passei um mês com náusea – não no sentido figurado: náusea espasmódica, do diafragma, enjoada com as coisas que aconteceram

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

aqui. Tomei montes de pílulas, para o estômago voltar ao lugar, sem ter nada com isto! Sem ter partido! Nem interesses! Nem depender de ninguém – nem eu nem a minha gente! (1998, p. 137)

Embora seja difícil documentar o trauma psíquico, haja vista o fio íntimo da vivência de dado evento ou processo, desabafos como este, sugerem, no mínimo, uma situação de estresse, ainda não exaurida (LA CAPRA, 2014). Como toda a população brasileira, Meireles estava diante de uma circunstância inédita e violenta, o suicídio da autoridade máxima da República. A sensação de perplexidade e de impotência, não seria incomum entre os que, por meio de jornais, emissoras de rádio e de TV, e/ou presencialmente, acompanharam os acontecimentos.¹

Em outros momentos de sua vida e de sua trajetória intelectual, Cecília atravessou adversidades, tão ou mais dramáticas quanto este de 1954, nada obstante cada um tenha sido singular, com personagens, datas, áreas e índole, pessoal ou coletiva, próprios. Imersa no agitado ambiente político da Capital, participou de uma época, que se habituou ao signo da guerra mundial, dos confrontos ideológicos entre comunismo, fascismo e liberalismo.

Esse *Zeitgeist*, ou espírito do tempo, do que já foi chamado de “A Era da Catástrofe” (HOBSBAWM, 1994), ajuda a compreender, ao menos, em parte, a coincidência do relato de Meireles sobre sua náusea psicofísica com a interpelação da náusea metafórico-emocional, do poema *A flor a náusea* (1945), de Carlos Drummond de Andrade – “Preso à minha classe e a algumas roupas,/vou de branco pela rua cinzenta./Melancolias, mercadorias espreitam-me./Devo seguir até o enjojo?/Posso, sem armas, revoltar-me?” (2012, p. 13) - e do romance filosófico, *A Náusea* (1938), de Jean-Paul Sartre - “vou ao acaso, vazio e calmo, sob este céu inutilizado” (2010, p. 91).

A angústia de Meireles evoca também o seminal *O mal-estar da civilização* (1930), de Freud. Em chave interpretativa distinta daquela do existencialismo francês, mas igualmente confrontado com um estado em que os seres humanos haviam dominado os recursos natureza, a ponto de conseguirem se exterminar até o último representante da espécie, o psicanalista terminou seu texto de modo emblemático. Estimou que fossem empreendidos esforços para que o eterno Eros se afirmasse na luta contra o desassossego,

¹ Sobre a comoção popular e a intensidade da participação do povo no cortejo fúnebre de Vargas, subvertendo os protocolos de pompa e circunstância, ver: MARCELINO, 2015, p. 247-257.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

a infelicidade, o medo, derivados do, igualmente, perene, Tánatos. E deixou em aberto a interrogação: “Mas quem pode prever o sucesso e o desenlace?” (2010, p.122).

Em vista disso, não admira o fato de que a imprensa tenha promovido debates acerca da ideia de crise e dos diferentes adjetivos contíguos, que o termo comporta: espiritual, civilizatória, cultural, econômica, política, social. Situando Meireles no debate sobre a existência ou não de uma crise do espírito – ético-moral e política, existencial e social – o objetivo precípua deste texto é compreender as ideias políticas daquela intelectual e as matrizes de pensamento das quais se aproximou.

Como indicado na carta a Côrtes-Rodrigues, Meireles nunca se filiou a nenhum partido político nem se deixou enquadrar em quaisquer movimentos de caráter dogmático. Assumidamente antifascista, não se rendeu às promessas do comunismo. Desse modo, escapou ao “ardil totalitário” (DUTRA, 2012), recebendo, em contrapartida, ataques de ambos os lados. Para conservadores ou reacionários católicos, como Alceu Amoroso Lima, tratava-se de uma comunista enrustida (LIMA, 1932). Para membros do PCB, como Oswald de Andrade, de uma alienada (ANDRADE, 2007).

Encarando seus adversários, ao longo de mais de 40 anos de assídua presença na esfera e no espaço públicos, bateu-se por valores, que marcaram o que Todorov denominou de o espírito das luzes, tais como laicidade, autonomia, humanidade e universalidade (2008). Argumenta-se que Cecília foi tributária de um humanismo cívico-republicano, ligado a uma concepção de “cidadania ativa, participativa [...], bem como o *ethos* e o ideal educacional que a acompanha” (MOULAKIS, 2018, on-line).² Ideal este constituído por princípios, como liberdade, efetivada pela participação na vida pública, igualdade contra privilégios, solidariedade em detrimento do facciosismo, primazia do bem-estar da comunidade sobre interesses, estritamente, pessoais, e desconfiança quanto à sede de dinheiro no trato do governo (BARON, 1955; POCCOK, 1975). Amarra essas convicções a aposta na capacidade criativa dos seres humanos, de seu poder em, ao exercer tais virtudes, confrontar as determinações e as contingências da sorte.

Para tanto, as principais fontes utilizadas são três inquéritos sobre a noção de crise do mundo moderno. Diferentemente de outras enquetes, que priorizavam aspectos

² No original: “[...] active, participatory [...] citizenship as well as the ethos and educational ideal that goes with it”. Tradução livre.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

literários e da vida íntima de escritores famosos – como aquele realizado por João do Rio, na década de 1900 (2019)³ – ou que se propunham a ser um tipo de radiografia da República – como o organizado por Vicente Licínio de Cardoso, em 1924 (1981) – as averiguações em pauta não alcançaram o formato de livro e manifestaram interesse em explorar a intuição, mais ou menos, compartilhada, de crise. Seguindo um modelo de apuração, já bastante conhecido, as enquetes, ora analisadas, tinham o fito de acender debates, colocando, lado a lado, diferentes pontos de vista, em torno de um mesmo problema, às vezes, em sintonia entre si, outras vezes, em franca e mútua oposição. Reagindo a demandas por determinados temas e, *pari passu*, despertando a interesse de leitores para os problemas expostos, as três sondagens tinham como público-alvo prioritário, provavelmente, uma camada média letrada.

Não se deve subestimar a capacidade de as pessoas levarem sua vida, sem, necessariamente, se defrontarem com a perda de sentido (BERGER & LUCKMANN, 2012, p.53). Paralelamente, ao menos no campo intelectual, a consciência de se viver em uma época disruptiva, em um “intervalo de tempo totalmente determinado por coisas que não são mais e por coisas que não são ainda” (ARENDR, 2013, p. 35-36), pode ter sido mais comum do que se imagina. Não teriam sido raros os intelectuais que se viram impelidos a habitar um mundo, no qual a tomada de decisões, livre de quaisquer garantias, mostrava-se urgente para a superação do estado crítico atravessado (KOSELLECK, 1999, p. 111).

A seguir, veremos como uma pequena, mas significativa, amostra de intelectuais posicionou-se em relação a essas ideias e como Cecília Meireles mobilizou suas convicções e seu léxico, de fundo cívico-humanista.

1. Lampejos do século

As discussões sobre a existência ou não de uma crise da contemporaneidade foram encetadas por órgãos da imprensa, surgidos em momentos de convulsão política. O *Diário de Notícias*, dirigido por Figueiredo Pimentel, O.R. Dantas e Nóbrega da Cunha, chegou em 12 de junho de 1930, “num momento que bem se poderia chamar de convalescença da alma nacional” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1930, p. 2), “sacudida pela campanha presidencial mais atentatória de quantas já se feriram, no cenário político do

³ Agradeço a Célia Regina da Silveira pela indicação desta fonte.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Brasil” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1930, p. 2). Por seu turno, *Diretrizes* foi lançada em abril de 1938, cinco meses após o golpe do Estado Novo. Dirigida por Azevedo Amaral e secretariada por Samuel Wainer, a publicação, mensal e de cariz acadêmico, passou à periodicidade semanal, em 1941, com um formato mais popular e uma posição, explicitamente, antifascista.⁴ Já o *Jornal de Notícias*, sediado em São Paulo, sob o comando de Fernando Marrey, foi inaugurado em 12 de abril de 1946. Em seu primeiro edital referiu-se ao assombro da destruição que a guerra, recém-terminada, causara, tornando a de 1914-1918, “um leve zumbido de abelhas” (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1946, p. 2). Sem mencionar o vocábulo *crise*, descreveu a sensação de angústia, salientando que “não é fácil aos contemporâneos discernir o espírito de nosso tempo” (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1946, p. 2), tendo em conta que presumia estar em choque “na mesma fração do Tempo duas épocas profundamente contraditórias em si mesmas” (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1946, p. 2).

Muito embora os inquéritos tenham sido efetivados após a primeira aparição dessas publicações, o clima de apreensão e de instabilidade perdurava. Os três inquéritos, de certa forma, repercutiam inquietudes, alimentadas, em 1932, pela tragédia da Guerra de 1914, pelo *crash* de 29 e pelas desilusões com o Governo Provisório; em 1942, pela Segunda Guerra Mundial e pela ditadura varguista; em 1949/1950, pela Era Atômico-Nuclear e pela democracia incipiente. O quadro, abaixo, proporciona um vislumbre de outras características das enquetes e de seus agentes.

Quadro – Perfil dos participantes de inquéritos sobre crise de sentido no mundo moderno

Diário de Notícias (RJ) – jun./jul. 1932		Diretrizes (RJ) – mar. 1942		Jornal de Notícias (SP) – dez. 1949/mar. 1950	
Depoentes/Período de vida/Apresentação*					
Gilberto Amado (1887-1969)	“Professor da faculdade de Direito na Universidade do Rio de Janeiro, escritor, ex-deputado e ex-senador federal”	Cecília Meireles (1901-1964)	“Escritora e poetisa. Do Ministério da Educação”	Cecília Meireles (1901-1964)	Poetisa, educadora e jornalista

⁴ Antifascista e favorável à democracia, a publicação teve muitos problemas com a polícia e com o Departamento de Imprensa e Propaganda Cf. LEAL, 2020.

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Alceu Amoroso Lima (1893-1983)	“Homem de pensamento e de ação”	Genolino Amado (1902-1989)	“Ensaísta e jornalista de grande público”	Alceu Amoroso Lima (1893-1983)	“Um escritor participante”
Afrânio Peixoto (1876-1947)	“Professor das Faculdades de Medicina e de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, membro da Academia Brasileira de Letras, romancista e escritor, ex-deputado federal”	José Pancetti (1902-1958)	“Grande pintor moderno. Prêmio “Viagem ao Estrangeiro” no Salão de 1941”	Otávio de Faria (1908-1980)	“Romancista”
Miguel Osório de Almeida (1890-1952)	“Professor e cientista, do Instituto Oswaldo Cruz, escritor”	Ribas Carneiro (1894-1962)	“Juiz da 1ª vara da Fazenda Pública. Professor da Faculdade de Direito de Niterói”	Oswald de Andrade (1890-1954)	Poeta, ensaísta, dramaturgo
Mário de Andrade (1893-1945)	“Escritor e poeta. Professor do Conservatório de Música de São Paulo”	Ernesto Feder (1881-1964)	“Grande jornalista internacional, atualmente no Brasil”	Ciro dos Anjos (1906-1994)	“Romancista”
-	-	Beatriz Costa (1907-1996)	“Atriz portuguesa, radicada no Brasil, onde goza de grande popularidade”	Murilo Mendes (1901-1975)	“Poeta”
-	-	Jean Mazon (1915-1990)	“Antigo fotógrafo do ‘Vu’ e vários outros jornais franceses, atualmente no Brasil”	Santiago Dantas (1911-1964)	“Professor, pensador e mestre de Direito”

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

-	-	Manoel de Abreu (1891-1962)	“Grande poeta e figura de relevo na medicina tradicional”	Mário Pedrosa (1900-1981)	“Um de nossos intelectuais de mais ampla e profunda experiência política”
-	-	Jorge de Lima (1893-1953)	“Poeta, romancista e médico”	Pedro Dantas (1904-1977)	“Escritor”
-	-	Augusto Frederic o Schmidt (1906-1965)	“Um dos maiores poetas modernos do Brasil”	Augusto Frederico Schmidt (1906-1965)	“Poeta”
Número total de depoimentos				25	
Número total de depoentes				22	

Fontes: *Diário de Notícias*; *Diretrizes*; *Jornal de Notícias*. Disponíveis em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em jul. 2019.

*As apresentações dos depoentes, que estão entre aspas, são transcrições do original.

Observação: Daqui adiante, todas as citações desses depoimentos originam-se das mesmas fontes aqui indicadas. Citações de fontes diversas seguem referenciadas no corpo do texto.

Antes de tudo, nota-se um evidente desequilíbrio de gênero entre os partícipes. Na primeira e menor pesquisa, de 1932, nenhuma mulher obteve espaço, apesar de Cecília, por exemplo, trabalhar na empresa.⁵ No levantamento de 1942, constaram Cecília e a atriz portuguesa Beatriz Costa. No de 1949-50, somente Meireles. Ao todo, foram vinte homens escutados e apenas duas mulheres. Essa desproporção não se deu ao acaso e constitui sintoma de uma sociedade patriarcal, baseada na exacerbação do orgulho masculino, que não reconhecia na mulher o exemplar prioritário do pensamento e do debate público. Apesar disso, a luta do feminismo e de mulheres (DUARTE, 2019), como Meireles e Beatriz, foi, aos poucos, abrindo sítios de atuação e de consagração. Esse esforço, individual e coletivo, carregado pelo talento, ajuda a entender a presença, ainda que exígua, dessas mulheres nos inquéritos.

Três indivíduos responderam a mais de um: Alceu Amoroso Lima, em 1932 e 1949/50; José Lins do Rego e Cecília Meireles, ambos, em 1942 e 1949/50. Tais reincidências indicam que esses intelectuais, a partir de seus círculos de sociabilidade,

⁵ Meireles foi diretora na Página de Educação do *Diário de Notícias*, de junho de 1930 a janeiro de 1933. Cf. LAMEGO, 1994.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

eram lembrados como sujeitos capazes de dar uma contribuição relevante à pauta. No caso de Meireles, havia um considerável histórico de campanha em favor da paz, contra a barbárie, pela educação pública, pela literatura e pela humanização do ser humano. Suas centenas de crônicas e seus poemas reverberavam esse humanismo (SILVA, 2018). Tal perfil possibilita compreender melhor sua dupla participação em questionários desse tipo.

Quanto à apresentação dos depoentes, verifica-se que a imprensa utilizava o prestígio dos intelectuais para legitimar e vender sua matéria, e os intelectuais, em troca, aumentavam sua presença nas discussões de interesse coletivo, tornando a si e às suas ideias, mais conhecidos. Foram ressaltados o saber, a experiência e a notoriedade das testemunhas, com treze menções a atividades letradas e/ou literárias – escritor, poeta, romancista, ensaísta, conjugadas, ou não, com outras ocupações. Ressalte-se que, na última enquete, foram dispensadas referências prévias a Cecília e a Oswald de Andrade, talvez, pela popularidade que ambos gozavam junto à sociedade. Sabendo-se que o trabalho de maior vulto, de ambos, pertencia à arte literária, as alusões à escrita ganham ainda maior projeção, denotando a influência dessa atividade na construção da imagem pública dos colaboradores. Professor, jornalista, cientista, ex-deputado federal, homem de pensamento e ação, juiz, atriz, pintor, fotógrafo, dramaturgo, são outros substantivos que, não raro adjetivados, completam esse mapa de ilustres.

Um último ponto a assinalar nesse panorama, diz respeito à faixa etária. Dezesete dos vinte e dois intelectuais nasceram de 1890 a 1910. Não participaram da campanha abolicionista nem presenciaram o ocaso do Império. Cresceram em uma República oligárquica, excludente, sustentada por eleições fraudulentas, com uma população, majoritariamente, analfabeta e uma legislação trabalhista pífia. Com as repercussões da Grande Guerra, muitos deles adquiriram uma cicatriz para a vida inteira. Cecília se lembraria dos “tristes anos da adolescência” em que precisou “conviver com a guerra” (1949, p. 295) e lamentaria: “Que destino, o da minha geração, de viver entre guerras!” (1998, p. 137).⁶ Amoroso Lima dir-se-á “absolutamente convicto” de que foi o “espírito da tragédia” de 1914-1918 que o fez “cair na realidade” (LIMA, 1973, p. 55). E o primeiro

⁶ Carta a Armando Côrtes-Rodrigues. Rio de Janeiro, 9 nov. 1947.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

livro de poemas de Mário de Andrade, de 1917, foi um opúsculo pacifista em face da Europa devastada (ANDRADE, 1917).

2. Haverá uma crise de espírito no mundo moderno?

A pergunta acima foi feita pelo jornalista Renato Almeida (1895-1981), organizador do inquérito de 1932. Gilberto Amado, em sua resposta, foi taxativo: “O mundo atual é todo ele uma crise. Não só do espírito, mas de tudo. [...]” Segundo Amado, a ideia de crise abrangeria as esferas filosófica, moral, religiosa, política e de espírito. Miguel Osório de Almeida convergiu com Amado e acrescentou uma observação importante, ao problematizar a relação entre a subjetividade da percepção e o mundo objetivo: “Que a crise exista realmente, ou que nós tenhamos apenas o sentimento de sua existência, o resultado é praticamente o mesmo. Ora, é inegável que esse sentimento se manifesta bastante claro e extenso.” Afrânio Peixoto, por seu turno, centrou sua atenção no componente literário, que, no seu sentir, à Benda, estaria rendido a valores imediatos, de cunho político-social, em detrimento da literatura desinteressada, a qual estimava. A intuição de decaída, latente no relato de Peixoto, alargou-se com Alceu Amoroso Lima.

Para este, a civilização moderna trazia consigo uma “decadência relativa dos valores imateriais”, ao promover, historicamente, a ruptura entre o plano natural e o sobrenatural. Militante católico, Alceu repudiou os valores do humanismo renascentista, que “levaram o homem a considerar-se cada vez mais o centro do universo.” Em suas palavras, “o *humanismo*, embora se conservasse ainda cristão, já revelava sintomas que, à luz dos acontecimentos posteriores, eram precursores da apostasia espiritual e intelectual do mundo atual”.⁷ Crítico do livre-pensamento e do legado franco-revolucionário, Alceu sustentava uma visão diametralmente oposta à de Cecília, que fez uma enfática defesa dos princípios da Revolução Francesa, por ocasião do 14 de julho.

Em plena guerra civil de São Paulo contra o Governo Provisório, falou em trazer “sempre um farrapo de bandeira na mão, e uma cabeça de aristocrata na ponta da baioneta...” (1932a, p. 6), em sonhar com a liberdade e em destruir as Bastilhas de cada dia. No início do ano, enaltecera o humanismo, “essa vontade de não esquecer a Antiguidade, essa saudade de ser humano, de pertencer à vida com alegria e com liberdade” (MEIRELES, 1932b, p. 4). O ideal humanista de Cecília respaldava-se em

⁷ Itálico original.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

nomes como os de Michel de Montaigne (1533-1592) e de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), ambos tomados como expoentes dos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade (MEIRELES, 1932b, p. 4).

Não muito distante, talvez, desse imaginário, Mário de Andrade relatou a “castigante contradição” de “um ser que raciocina” e que precisa “viver de meios materiais na materialíssima Terra.” Portanto, para Mário, “o espírito humano sempre esteve em crise e estará sempre em crise até o fim do que tiver fim. [...]” No final de sua fala, sublinhou o que julgou ser o problema capital da crise contemporânea, a saber: os sentidos do viver, do homem diante da existência. Mário referiu-se ao caso de um jovem intelectual, muito promissor, que “não conseguia em si, nem menos os livros conseguiam lhe dar uma convicção.” Sequer o comunismo, que abraçara com fervor, fora capaz de equalizar a busca do moço por “um perfil que o definisse como ser moral e social.” E eis que, por “um pretextinho à toa” – não descrito – o personagem adquirira “uma desesperada convicção, a mais inútil” e meteu “uma bala na cabeça.” Diante disso, Andrade afirmou ter tomado consciência da insignificância de suas lides literárias, não havendo justificação moral nem social para os “brinquedos da arte”, que não poderiam, nenhum, “evitar a morte do homem.”

Em 1942, Albert Camus abriria o ensaio *O mito de Sísifo* com a afirmação: “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia” (CAMUS, 2020, p. 19). Nesse mesmo ano, outro inquérito tratou, exatamente, desta questão.

3. Vale à pena viver?

A interrogação emergiu em um mundo, que assistia, estupefato, ao poder de destruição do Terceiro Reich. O continente americano havia se tornado porto de refugiados da guerra, em especial, os de origem judaica. O intelectual mais célebre, aqui exilado, foi Stefan Zweig. Após peregrinar por Inglaterra e Estados Unidos, com breves passagens por Argentina e Brasil, o escritor austríaco para cá retornou, em agosto de 1941, sendo saudado com euforia pela intelectualidade e por representantes do Estado Novo (DINES, 2012). Como Gabriela Mistral, fixou-se em Petrópolis, acompanhado de sua esposa, Charlotte Elizabeth Altmann, vulgo Lotte. Em 22 de fevereiro de 1942, o casal cometeu suicídio, com uso de barbitúricos. Tinham, respectivamente, 61 e 33 anos. As

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

últimas frases de sua breve carta de despedida, assinalam o sofrimento por que passava: “Saúdo a todos os meus amigos. Que lhes seja dado ver a aurora desta longa noite. Eu, demasiadamente impaciente, vou-me antes” (ZWEIG, 1942).

A notícia do suicídio sacudiu os meios intelectuais. A enquete, organizada por Álvaro Moreira e outros⁸, surge do atordoamento, em face dessas mortes inesperadas e dramáticas. Dentre os depoentes, incluíam-se dois expatriados, o fotógrafo francês Jean Mazon, e o jornalista e ativista alemão, Ernst Feder, um dos mais próximos interlocutores de Zweig em Petrópolis. Saliente-se que, na matéria, o primeiro nome de Feder foi abrasileirado para “Ernesto” e sua origem germano-berlinense, devidamente, omitida. Mazon fez uma pungente análise das angústias que assombravam a alma de Zweig, e Feder pôs-se contra o ódio e a crueldade, que assolavam a humanidade, enaltecendo a tradição pacifista da diplomacia brasileira.

A exemplo das ponderações de Mário de Andrade e de Albert Camus, a de Genolino Amado, em tom mais afirmativo, frisou que viver é a questão fundamental e que o “resto é de uma importância muito secundária, quando chega a ter importância”. Manoel de Abreu justapôs motivos para não viver e para viver. Jorge de Lima apontou sua aflição com “o destino dos que, ao meu lado, sofrem mais do que eu.” Frederico Schmidt comparou a disposição de Henri Bergson em se expor como judeu e permanecer em Paris, quando da invasão nazista, com a dor insuportável e a desesperança de Zweig. A tônica de, praticamente, todos os relatos, pode ser resumida no dizer de José Pancetti, segundo o qual, vale à pena viver, pois “só vivendo poderemos assistir ao fim daqueles que pretendem escravizar o mundo, tornando impossível o viver.” A única fala que não realçou o tormento pautado foi a de Beatriz Costa. Limitou-se a assinalar seu amor pela vida e seu desejo de viver “calmamente, ‘cultivando o meu jardim’”. Constituindo, ou não, uma forma de evasão, a alegria de Costa soa também como uma resistência ao horror.

Com esperança semelhante à de Beatriz, contudo, atenta ao assombro do ato de Zweig e do cenário bélico, Cecília Meireles ponderou que a questão colocada, sequer, talvez, admitisse opinião. Ante o desconsolo e os mistérios da vida, inapreensíveis pela

⁸ Não foi informado o nome específico do responsável pela matéria. No expediente da edição constaram, como redatores, além de Álvaro Moreira, Alceu Marinho Rego, Francisco de Assis Barbosa e Joel Silveira. Cf. *Diretrizes*. Rio de Janeiro. Ano 8, nº 89, p. 6, 12 de março de 1942. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 27 dez. 2019.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

razão instrumental, tantas vezes, aniquiladora do sentido místico-poético da existência, caberia a determinação em seguir vivendo. Decerto, Meireles recordou o trauma da morte de seu primeiro marido, com quem teve suas três filhas nos anos 1920. O artista plástico português, Fernando Correia Dias, por anos, vítima de aguda depressão, enforcou-se em casa, em novembro de 1935. Portando essa bagagem trágica em seu percurso, Cecília argumentou pela necessidade e pela coragem de se decidir viver:

Creio que a vida ‘deve’ ser vivida, mesmo quando pareça que não vale à pena. Ela é um dom que nos foi concedido sem sabermos porquê. Nossas noções e julgamentos são todos transitórios e mais ou menos individuais; e a vida, universal e eterna.

O perguntar-se sobre o porquê da vida retornou com maior voltagem e amplitude em 1945. Cerca de duas semanas após as explosões de Hiroshima e de Nagasaki, Meireles ressentiu-se de, “nesses últimos dias” (1998, p. 14), o mundo ter envelhecido “de uma decrepitude rápida” (1998, p. 14). Havia-se compreendido “a razão destas fadigas, destas melancolias, deste mal-estar dos mais sensíveis” (1998, p. 14). Chegava-se, finalmente, à constatação de que “assim como está, não é mais suportável o mundo” (1998, p. 14). Não se tratava, prossegue Meireles, de algum caso pessoal nem de desordem social, mas, sim, da “falta de sentido da existência humana” (1998, p. 14). O que se impunha, naquele instante, era “o problema total, cujos fundamentos as filosofias e religiões têm explorado e entretido com uma certa piedade pelo desespero dos mais fracos, e cautela contra as agressões dos violentos” (1998, p. 14). Esta experiência e esta sensação de desorientação, de crise de sentido, que vinha se avultando, ainda não teriam sido dissipadas em 1950.

4. Os problemas do Espírito

O momento era de se fazer um balanço da primeira metade do século. O jornalista e poeta mineiro, Paulo Mendes Campos (1922-1991), convidou intelectuais a relatarem sobre “os problemas do Espírito dentro da atualidade do país e do mundo.” Da plêiade, apenas um negou haver uma crise em curso. Para Pedro Dantas, não há crise do espírito: “Se uma teoria desmente outra, por mais perplexos que fiquemos, o espírito não entra em crise. O debate, o conflito, fazem parte da própria natureza do espírito humano.”

Meireles, por seu lado, precisou alargar a noção de crise de espírito, afirmando já não conseguir complementar o substantivo: “Sei que há uma crise. Sei que não se sabe com quem contar, o que esperar, por onde tentar um equilíbrio.” Segundo ela, uma das causas por persistir esse estado de mal-estar era o alastramento de valores e de atos,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

opostos a diretrizes cívico-republicanas, ou seja, a “corrupção de caráter”, o “egoísmo cada vez mais feroz”, o “desejo de triunfar, de qualquer maneira, à custa de quem for. Ambição de prestígio, de dinheiro. Ambição de mando ou comando.” O apreço pelo bem comum, a obrigação de uns para com outros, as vinculações de autocuidado, a conquista de fama, por meio de serviços prestados à comunidade e do talento, o bom uso de recursos para a promoção do bem-estar coletivo, contrastavam com o que se presenciava. Por isso, revelou já estar “cansada de dizer que o problema da educação foi abandonado, que jaz esquecido.” Preocupada com o futuro do país, perguntava-se sobre “quem se vai ocupar das gerações que chegam.” A se permanecer como estava, o país não formaria cidadãos, mas pessoas destituídas de respeito a si e aos outros.

Evitando citar, nominalmente, coisas ou indivíduos, em teoria, culpados pelo que se passava, valeu-se, uma vez mais, de seu tino humanista, ao protestar: “Qualquer pessoa que, sendo responsável por um problema de interesse geral, procura resolvê-lo em termos pessoais, devia ser entregue aos abutres.” O zelo com a coisa pública, o compromisso com a luta por uma sociedade justa, com sujeitos no gozo de seus direitos e deveres, avessos ao individualismo extremado e à cupidez, seriam elementos imprescindíveis à mitigação dos problemas mapeados.

Para a depoente não bastava manipular belas palavras. Era preciso colocá-las em movimento, concretizando-as no processo histórico. De nada valeria um cabedal de princípios, alijado da ação. Percorreriam, assim, “muitas doutrinas, muitos juramentos, muitos códigos, e nem precisava haver tantos”, mas quase ninguém se dispunha a cumpri-los. Mesmo a “tão vastamente louvada e apregoada Democracia” precisava se republicanizar ou, caso contrário, acomodar-se a um rótulo de substância inconsistente.

À crise caberia uma resposta, que fosse capaz de desafiar as desditas do destino, de dar ao mundo um rosto novo, “com essa *arte* humana que conjuga ciência e poesia” (GARIN, 1994, p. 85) e se perfaz em “metafísica do homem criador” (GARIN, 1994, p. 85): “Eu creio é na capacidade dos homens que se modelam por suas mãos, dos que conhecem os caminhos, escolhem o seu, e dizem: ‘Por aqui quero ir.’ E vão. Mesmo que na esquina o seu melhor amigo esteja de emboscada.”

Considerações finais

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Tendo ascendido socialmente e se tornado uma figura de proa da literatura nacional, mediante processos de socialização primária e secundária, nos quais cabe ressaltar seu empenho nos estudos, Cecília Meireles susteve, até o fim, a convicção no poder transformador da educação e do conhecimento. Duas guerras mundiais nem os suicídios de Fernando Correia Dias, de Stefan Zweig e de Getúlio Vargas, tampouco seus contendores e possíveis traumas, retiraram dela a crença no potencial humano para a beleza e para a vida. Experimentou as incertezas, a relativa perda de autoevidência e, nessa situação, a premência da tomada de decisões, em seu tempo; reconheceu e discutiu, em um meio intelectual, predominantemente, masculino, a noção de crise de sentido na contemporaneidade, o colapso ético-moral e civilizatório; aproximou-se, em alguns momentos, da aflição do existencialismo e da amargura dos que, idealistas críticos, percebem-se vencidos. Sabia, porém, que morrem os sonhadores, perduram os sonhos. Esses continuariam a correr pela história, com ideais de liberdade, de igualdade e de fraternidade, para além das guilhotinas e dos impérios. Por isso, contra todas as probabilidades, já no ocaso de sua existência, pode referir-se à “arte de ser feliz” (1962, p. 10).

Fontes primárias

Diário de Notícias. Rio de Janeiro, jun./jul. 1932. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em jul. 2019.

Jornal de Notícias. São Paulo, dez. 1949/mar. 1950. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em jul. 2019.

Diretrizes. “Inquérito: vale a pena viver?” Rio de Janeiro, p. 4 e 5, 12 de março de 1942. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 27 dez. 2018.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 12 de junho de 1930.

JORNAL DE NOTÍCIAS. São Paulo. Sexta-feira, 12 de abril de 1946. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em jul. 2019.

LIMA, Alceu Amoroso. “O Instituto Oficial de Psicologia.” In: *A Ordem*. Ano XIII, jun. 1932, p. 402, Rio de Janeiro. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em jul. 2019.

MEIRELES, Cecília. “14 de julho”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 14 de julho de 1932a. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em jul. 2019.

_____. “Porque a escola deve ser leiga – a segunda conferência da série realizada a convite da Liga Anti-Clerical do Brasil.” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 17 de janeiro de 1932b. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em jul. 2019.

_____. “Ainda sobre a bomba atômica”. [*Folha Carioca*, RJ, 25 de agosto de 1945]. In: MEIRELES, Cecília. *Obra em prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 190-191.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

_____. *A lição do poema: cartas de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues*. Organização e notas de Celestino Sachet. Ponta Delgada, Açores: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.

_____. “Arte de ser feliz”. In: MURILO, Miranda (Org.). *Quadrante 1*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962, p. 10-11.

Referências bibliográficas

ALTAMIRANO, Carlos. “Introducción al volumen II: Élités culturales em El siglo XX latinoamericano.” In: _____ (director). *Historia de los intelectuales en América Latina*: II. Los avatares de la “ciudad letrada” em el siglo XX. [2010]. Primera reimpressão. Buenos Aires: Katz Editores, 2013, p. 9-28.

ANDRADE, Carlos Drummond. “A flor e a náusea”. In: _____ *A rosa do povo*. [1945]. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 13-14.

ANDRADE, Mário de. *Há uma gota de sangue em cada poema*. São Paulo: Pocaí & Comp., 1917. Disponível em [Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin: Ha uma gota de sangue em cada poema por Mário Sobral \(usp.br\)](#) Acesso em 28 out. 2019.

ANDRADE, Oswald. “Voto a descoberto” [1952]. In: _____ *Telefonema*. Organização, introdução e notas de Vera Maria Chalmers. 2ª ed. aum. São Paulo: Globo, 2007, p. 553-554. (Obras completas de Oswald de Andrade).

ARENDETT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. [1954]. Tradução de Mauro W. Barbosa. 7. ed., 1. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Debates; 64).

BARON, Hans. *The crisis of the early Italian Renaissance: Civic Humanism and Republican Liberty in an Age of Classicism and Tyranny*. Princenton, New Jersey: Princenton University Press, 1955.

BERGER, Peter L. & LUCKANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. [1995]. Tradução de Edgar Orth. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. [1942]. 15ª ed. Rio de Janeiro: Edições Best Bolso, 2020.

CARDOSO, Vicente Licínio. (Org.). *À Margem da História da República*. [1924]. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981. 2 v.

DINES, Alberto. *Morte no Paraíso: a tragédia de Stephan Zweig*. 4ª ed. ampl. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

DUARTE, Constância. “Feminismo: uma história a ser contada”. In: JOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). *Pensamento feminista: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 25-48.

DUTRA, Eliana de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos de 1930*. 2ª ed. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2012.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. 5ª reimpressão. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 18).

GARIN, Eugénio. *Idade Média e Renascimento*. [1954]. Trad. Isabel Teresa Santos e Hossein S. Shooja. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1994.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. [1959]. Tradução de Luciana Villas-Boas Castelo-Branco. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2ª ed. Tradução Marcos Santarrita. Revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- LA CAPRA, Dominick. *Writing history, writing trauma*. Baltimore, Maryland, USA: Johns Hopkins University Press, 2014.
- LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- LEAL, Carlos Eduardo. “Diretrizes.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbete temático. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diretrizes> Acesso em 18 mai. 2020.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Memórias improvisadas: diálogos com Medeiros Lima*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1973.
- MARCELINO, Douglas Attila. *O corpo da Nova República: funerais presidenciais, representação história e imaginário político*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.
- MEIRELES, Cecília. Conferência realizada na Embaixada da Índia, Rio de Janeiro, em homenagem à Mohandas Gandhi, por ocasião da data de aniversário do mahatma em 2 de outubro de 1948. Apud: KRIPALANI, Krishna. “Across the oceans”. In: *The Visva-Bharati Quarterly*. Shantiniketan, West Bengal, India. Vol. XIV, N° 4, p. 295, 1948/1949.
- MOULAKIS, Athanasios. "Civic Humanism". [2011]. In: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Stanford University. Stanford, CA. Winter 2018 Edition. Disponível em <https://plato.stanford.edu/archives/win2018/entries/humanism-civic/> Acesso em 18 mai. 2020.
- POCOCK, J. G. A. *The Machiavellian Moment: Florentine Political Thought and the Atlantic Republican Tradition*. London: Princeton University Press, 1975.
- RIO, João do. *O momento literário*. [1909]. Organização de Silvia Azevedo e Tania de Luca. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2019.
- SARTRE, Jean-Paul. *A Náusea*. Tradução António Coimbra Martins. Lisboa, Portugal: Publicações Europa-América, 2010.
- SILVA, Denilson de Cássio. “Pacifismo, educação e dimensões políticas na América Latina: Cecília Meireles em diálogo com Alfonso Reyes (Rio de Janeiro, década de 1930).” In: *Em tempo de histórias*. PPGHIS UnB. Brasília, n° 32, p. 103-124, jan-jul. 2018.
- TODOROV, Tzvetan. *O espírito das Luzes*. Tradução de Mônica Cristina Corrêa. São Paulo: Editora Barcarolla, 2008.
- ZWEIG, Stefan. “Declaração. Petrópolis, 12/02/1942”. Apud: DINES, Alberto. *Morte no Paraíso: a tragédia de Stephan Zweig*. 4ª ed. ampl. Rio de Janeiro: Rocco, 2012, p. 412.